

As Visitas do Dr. Valdez

João Paulo Borges Coelho
As Visitas do Dr. Valdez

Romance



Leya, SA

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor.

© 2004, Editorial Caminho
© 2010, João Paulo Borges Coelho e Leya, SA

Capa: Rui Belo/Silva!designers

Revisão: Sofia Mântua
1.ª edição BIS: Março de 2010
Paginação: Júlio de Carvalho, Artes Gráficas
Depósito legal n.º 304 295/10
Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

ISBN: 978-989-660-037-2

<http://bisleya.blogspot.pt>

ex nihilo nihil

Persio

I

O *Friendship* F-27 da carreira regular da DETA chegou a horas. Fez-se à pista com fios finos de água da chuva escorrendo-lhe pelos costados e tocou suavemente o alcatrão, deixando-se deslizar por um bocado em cima dele, largando milhões de gotas tumultuosas que de longe formavam graciosa nuvem. Passado um pouco começou a travar, primeiro levemente, logo depois com mais resolução, tudo isto a tempo de poder dar uma curva tensa que lhe permitiu deixar a pista e entrar na placa em frente à gare do Aeroporto Sacadura Cabral onde chegou como uma grande ave molhada sacudindo as penas.

As duas velhas e o rapaz nada disto poderiam testemunhar porque permaneciam de olhos fechados, os dentes cerrados dentro das respectivas bocas, as seis mãos fincadas como se as cadeiras lhes fossem fugir debaixo dos pés, os tornozelos esfregando-se uns nos outros. À espera que a provação terminasse.

O avião deslizou ainda um pouco e acabou por estacar com um ligeiro sobressalto e um ruído de motores há pouco tão ensurdecedor, agora cada vez mais ténue, quase um lamento tímido, um gás escapando-se pelas suas metálicas costuras. Finalmente fez-se silêncio.

– Caetana, tenho medo – articulou a primeira num sussurro. Desde que o mundo começou a desabar, dentro do seu corpo e fora dele, em redor, que diz aquilo como quem recita uma ladainha. Não é um medo físico que enuncia

neste seu queixume mastigado, nem poderia sê-lo agora que o corpo se afasta de si, que a envolve como uma massa inerte e quase estranha. É medo daquilo que não entende, do mundo que desaba. E como é obstinada e ainda não desistiu inteiramente das coisas, enuncia aquele «tenho medo» sempre que os desvios à sua cada vez mais estreita lógica lhe surgem sem prévio aviso. Um enunciado que é também uma censura, culpando a irmã que lhe deveria intermediar o desconhecido, torná-lo inteligível, e se desleixa.

– Já passou, irmã, já estamos outra vez no chão – respondeu Sá Caetana sem sequer olhar para o lado, com um pouco de medo ela própria, mantendo a surdina daquele diálogo privado que os restantes passageiros não têm que escutar. – Está tudo bem – repete, embaraçada porque a outra não engole como ela o medo, expondo-as assim às duas.

O silêncio de Sá Amélia significa talvez que se aquietou. Por outro lado, o silêncio do jovem criado Vicente, encostado à janela por onde espreita agora lá para fora, resume o misto de curiosidade e pavor com que atravessou os ares salpicados de nuvens desde Porto Amélia até à cidade da Beira, duvidando ainda que esta aventura tenha chegado ao fim.

Com razão. Mal refeitos ainda do susto e piscando os três os olhos para enfrentar a claridade no umbral da porta do avião, inclinou Sá Amélia o corpo pousado na cadeira de rodas que a levava, empurrada por Vicente. Foi então que se desapertou um pouco o corpete, pressionado pelos peitos fartos da velha senhora, e dali de dentro jorrou uma cascata brilhante de moedas. Incontáveis moedas antigas de todas as origens, desde réis portugueses e florins britânicos de ouro a cruzados e rupias de prata, passando até por macutas e patacas, ceítis, mais modestos bazarucos e algumas terezinhas. Quantas mãos calejadas as tiveram que afagar para que ficassem lisas daquela maneira, sem rebor-dos angulosos, os desenhos mortiços, os olhos das efígies já baços e sem brilho. Cegos barbudos. Senhoras cegas.

Moedas que passaram pelas mãos nervosas de piratas, alisadas pelo seu sarro antigo, cheirando ao suor e ao medo dos escravos; moedas de Goa, austríacas, transportadas em navios com nomes como *Giuseppe & Tereza*, *Príncipe Ferdinando* e *Santo António das Almas*, alvas como o algodão colhido e odiado, ou da cor do sisal e do coco; moedas com a dor e o empenho do trabalho, que revelam a diversidade de um tempo que vai chegando ao fim. Brilhando mais que todas, grossas libras de ouro inglesas, mais recentes, as rainhas de todas as moedas. Saltam e rodopiam como loucas. Abafadas durante tanto tempo em arca pousada na penumbra de um qualquer compartimento, e depois naqueles peitos transitórios, soltam-se alegres pela escada abaixo, espalhando-se pelo espaço amplo da placa do aeroporto. Como se cada uma procurasse o seu refúgio.

Sá Caetana não pode censurar aquele gesto desajeitado da irmã, um gesto de quem se desajeitou já, e irremediavelmente, no manuseamento da vida e do presente. Assim, não faz mais que piscar o olhar tenso, dirigindo-o fugazmente para Vicente, o criado que deveria estar atento e se distraiu. Este pode, pelo contrário, sentir-se culpado da sua desatenção, da sua lentidão em levar as mãos ao seio da patroa para formar uma represa que detivesse o fluxo brilhante que corre agora solto. Talvez tenha sido o respeito que o demorou, talvez a surpresa. O que é certo é que em vez de as levar aonde devia as levou à boca muito aberta num gesto sem proveito algum. Igualmente destituído de utilidade é o abanar de mãos de Sá Amélia, para cima e para baixo, desencontradas, como se quisessem chamar as velhas libras inglesas de volta ao redil que é aquele velho peito, mas que mais não conseguem, ao chocalhar as grossas pulseiras, que juntar um restolhar cavo de ouro grosso ao tilintar estridente que as moedas já faziam.

A confusão de sons e embarços atraiu o olhar geral. Passageiros que já haviam descido e se viram para trás, funcionários que cercam e apalpam o avião para lhe medir o estado depois de tão longo e exigente percurso, hospedeiras elegantes e engomadas, e mesmo pilotos espreitando

das suas minúsculas janelas, anotando ainda em pequenas folhas todos os detalhes do voo e porventura mais este – todos seguiram com curiosidade o episódio. E logo a seguir a multidão gatinhando pelo chão, muitos para ajudar a remediar aquela contrariedade, alguns navegando nas desatenções para meter as desconhecidas moedas ao bolso. Vicente, frenético entre eles, procurando com grande esforço repor a imagem que as duas mulheres já fizeram de si. Que quer que voltem a fazer.

Por fim quase todas foram apanhadas, quase todas devolvidas à sua legítima dona. Exceptuaram-se umas poucas, parte recolhidas na penumbra da má intenção, a outra esquecidas nas frinchas do alcatrão onde serão encontradas no futuro levantando interrogações sem explicação.

E qual seria a explicação para quem as vai achar mais tarde? Será que foram entesouradas porque sobravam ou, antes, porque a dona delas há muito que previa este desfecho e se precavera? Difícil saber-se porque Sá Amélia pouco fala e muito menos falaria agora nisto. Limita-se a abrir a boca como uma grande garoupa surpreendida fora de água; mais não consegue que agitar as trémulas mãos descoordenadas. Se falasse, talvez dissesse que as moedas eram muitas porque insaciável foi a sede que delas tinha quem as amealhou.

* * *

Ernestino Ferreira, auto-intitulado major só porque chegou como soldado branco para servir no Posto Militar do Mucojo, nos tempos idos da Companhia do Niassa, por volta de 1907. Nos dois anos que ali ficou, zelando pela cobrança de impostos, ganhou fama pela sua crueldade e ambição. E, também, pelo seu amor a Ana Bessa, uma mulata da ilha do Ibo, mais velha mas bela como nunca chegou a haver ali outra. Daquelas cujo corpo se deixará deformar pela idade mas que antes disso é um esplendor. Terá ela sorrido ao militar, terá eventualmente acontecido um pouco mais, mas nem por isso Ana Bessa o deixou che-

gar às suas alturas: tivera já experiências, não era ingénua ao ponto de se deixar entontecer por um jovem de bigodes recém-chegado de Portugal. Passeava o seu langor trocando os olhos ao homem, e isso lhe bastava. Além do mais, vivia amigada com um alemão.

Extinguiu-se o posto do Mucojo dois ou três anos mais tarde, criando-se no seu lugar um concelho. Deixavam de ser precisos soldados, e se isso cortou as pernas aos planos do major deixou-lhe contudo intacta a ambição, e intocado o amor. Cego para as restantes mulheres que havia na terra, belas e disponíveis, só tinha olhos para Ana Bessa e custava-lhe suportar uma resposta ao seu gesto tão nobre assim tão sonsa e desinteressada, tão cheia de uma sobrançeria educada.

Resolveu partir o major pelos matos fora, para saciar a sua desmedida sede de riqueza segundo uns, em busca de emoções fortes que se sobrepusessem ao amor ferido, que era público, no dizer dos restantes. Percorreu os sertões do Norte de Moçambique de lés a lés, acabando por se estabelecer perto do Zóbuè, na fronteira com a Niassalândia inglesa, onde passou a viver bastante despojado numa palhota, dormindo no chão como os locais, comendo da panela e da fogueira como eles. Mas sempre maquinando.

Fez-se amigo do régulo Chimarizene, juntando-se a uma das filhas deste, Alina, rapariga muito feia. Com o dito Chimarizene por comparsa calcorreou o rio Vúdzi, pequeno de águas mas importante caminho para os homens que vinham da Angónia e mais de cima, para lá de Dedza, em busca de trabalho, por ouvirem dizer que o havia mais abaixo. À espera deles, junto à margem, encontrava-se o major com falas mansas e inúmeras e fantásticas promessas. Levava-os e vendia-os depois a um certo Lipovich, que por ali andava a mando dos sul-africanos do ouro em busca de mais braços que lhes escavassem as minas. Os homens embarcavam sorridentes, pensando que os esperava o paraíso. Iam contudo direitinhos para o inferno, em vagas sucessivas. Grossos cordões de gente franca e prestável, rindo por tudo e por nada, os pés disformes de tanto cami-

nhar na perseguição de sonhos pelas margens do rio Vúdzi abaixo, com saquinhos de farinha presos à cintura e chapéus de palha de mapira descaídos para a nuca. Silenciosas e escuras ondas de gente misturando-se ao pó dos caminhos, levando parte dele agarrado à pele. Por vezes entoando melopeias tristes, e era como se todo o mato – as árvores e as águas, as pedras e os bichos – enunciassem em unísono um presságio.

Com tudo isto ganhava o Chimarizene uns garrafões de aguardente (era muito chegado a ela) e as risadas irónicas e conluiadas do major e desse tal Lipovich. Ao primeiro ficou-lhe daí, desse negócio, um princípio que nortearia a sua acção pela curta vida fora: cada trabalhador, cada moeda.

Durou pouco, contudo, a ligação. Lipovich partiu por qualquer não descortinada razão e o major também tinha pressa de regressar à costa para ostentar o que ganhara. Nesse tempo trabalhava-se no Mucojo e vendia-se e gastava-se na ilha do Ibo, quase em frente. Foi aqui, nesta última, que Ernestino Ferreira construiu bela casa com varanda e escadaria para o mar, esperando com isso quebrar enfim a resistência da mesma Ana Bessa de antes, que continuava bela e ligada ao alemão. Um dia desceria com ela por ali de mão dada, augurava ele entre dentes, obstinado.

Mas os anos passaram sem que Ana Bessa cedesse, sem que lhe viesse a vontade de descer aquelas escadas. Enterrou já um marido antes do tal alemão, trazia duas filhas sem contar com o primeiro, um rapaz que se finara em tenra idade ainda, de uma injeccção estragada. Alargava-se o espaço entre os destinos de ambos malgrado os esforços do major.

Um dia o alemão fugiu, espalhando atrás de si emoções desencontradas. De surpresa na pequena colónia, de infinita tristeza em Ana Bessa, de esperança renovada em Ernestino. Talvez que agora ela cedesse, talvez que o castigo que é sempre a solidão a fizesse reparar nele com outros olhos. Debalde, porque Ana Bessa, embora não lhe

manifestando animosidade particular, não deixava por isso de continuar a manter as distâncias. Bons dias major, boas tardes major, às vezes nem isso, apenas um acenar de cabeça, uma vaga e desinteressada mirada. Virava-se antes para dentro. Ou punha a vista no mar, quiçá esperando que de lá lhe fosse devolvido o alemão.

Diz-se que em momentos de tristeza costumavam as mulheres desta costa ficar olhando o mar. Este quase ritual terá surgido porque se trata o Índico de um mar de passagem, de onde desde tempos imemoriais costumam vir belos marinheiros semeando promessas por cumprir. Um deles cumprirá a sua, um dia.

Num gesto de desespero, Ernestino abordou então Ana Bessa com uma proposta diferente: de chofre, pediu-lhe uma das filhas em casamento, Amélia, então com vinte e quatro anos, a mais velha e feia das duas que a bela mulher havia gerado. Pretendia o major, com o gesto, que a amada reconsiderasse. Que caísse em si e visse como o facto de ir casando as filhas encurtava a possibilidade de ela própria voltar a casar um dia. Só que Ana Bessa acedeu prontamente à solicitação, surpreendendo o infeliz. A Amélia também pareceu bem. De modo que a Ernestino só restou cumprir com a palavra, que nesse tempo valia muito mais que nos tempos que correm. E ao padre Jacinto casá-los na pequena Igreja de São João Baptista. Em vez da bela esposa almejada, ganhou o major uma bela sogra com uma esposa feia de permeio.

Despeitado, pegou nesta última e voltou a partir: já que não podia ser feliz queria ao menos ser mais rico. Reencontrou o régulo Chimarizene, seu parceiro de tantos negócios passados, mais velho e desdentado mas ainda vivo e escarinho, ainda sedento de aguardente. Esperando-o com a filha feia para lha devolver. A Ernestino interessava reatar o negócio, de modo que acedeu e durante três anos viveu neste arranjo com as suas duas mulheres feias: Sá Amélia dentro de casa, Alina Chimarizene na palhota. E se esta última reconhecia e respeitava a primeira, vinda de fora, com modos de mulher quase branca, Sá Amélia, pelo con-

trário, não queria nem ouvir falar na concorrente, que o despeito e o ciúme punham ainda mais feia do que na realidade era.

Coitada de Sá Amélia! Posta em segundo lugar desde criança, o casamento prolongava-lhe a desdita ao invés de acabar com ela. «Queres pôr o Chimarizene contra mim, mulher?», indignava-se o marido quando ela lhe colocava a questão. «Queres ver-nos na miséria?», chantageava ele, exagerando. De modo que a pobre mal punha os olhos no major de dia, resignando-se a partilhar com a outra as noites dele. Não havia outro remédio.

Mas não era apenas desta humilhação que lhe vinha o desconforto. Desconhecia a língua que se falava, exasperava-se com os criados. Assustava-a o rugir das feras e o cantar nocturno dos trabalhadores em trânsito, que pernoitavam ali mesmo ao lado da sua janela. Não distinguiu umas de outros. Habituada desde pequena a respirar o ar do mar, à largueza de vistas que ele proporciona, também aqui procurava uma varanda de onde pudesse estender o olhar. Mas pobre dela, que o mar era ali um arvoredado denso, um capinzal opressivo e cheio de estranhos sons de onde parecia vir todo o mal!

Entretanto, Ernestino voltava ao negócio com afinco, adaptando-o aos novos tempos que corriam. É que agora eram precisos trabalhadores na Zambézia, no corte da cana-de-açúcar, e vá-se lá saber porquê valia cada trabalhador da Angónia, dos lotes que ele fornecia, duas vezes um trabalhador comum de outros lugares. Talvez porque não fossem camponeses locais envolvidos no trabalho à chibatada, mas antes estrangeiros que vinham de outros lugares cantando pelos caminhos para esconder a tristeza em que se achavam, por estarem longe de casa. E trabalhassem depressa para poder regressar a ela.

Foram, para Ernestino, durante esse período, duas moedas por trabalhador, exceptuando os muito velhos e os visivelmente doentes, enquanto para Chimarizene vigorava ainda a medida antiga, o mesmo dedal de aguardente má, nublado que se achava ele, na maior parte do tempo, pelos

vapores do álcool. Incapaz, portanto, de actualizar os seus interesses.

Qual seria o passo seguinte do major, cada vez mais rico, não se chegou a saber nunca porque ele se finou certa noite sem aviso, quando dormia na esteira de Alina Chimarizene. Muito se especulou em consequência, enquanto Sá Amélia ruminava o seu constrangimento. Uns surpreenderam-se com os dotes que Alina, mulher tão feia, deixava ali demonstrados, comprovando que não é preciso que a beleza esteja presente para haver ciência e arte; dotes fortes a ponto de transportarem o major para a outra vida. Para outros, porém, aquilo fora antes obra de uns pós malignos do pai da moça, que já farejava traição e se decidira a desenterrar um resto de dignidade que afinal ainda tinha. Nunca se soube ao certo. Certo é que Alina Chimarizene voltou pela segunda vez para casa de seu pai enquanto Sá Amélia, triste e chorosa, regressou ao Ibo, deixando para trás um período da vida de que não gostou, levando consigo uma imensa riqueza e uma incomensurável saudade já dos prazeres que ainda assim o major lhe proporcionara. E que acabariam por ser os únicos que chegou a conhecer.

* * *

Cada trabalhador, cada moeda. E agora que tudo se foi tragado pelo tempo, são elas o único vestígio desse esforço passado de patrões e cortadores de cana. E de mulheres feias pilando milho ou entretendo o tédio na varanda, em frente ao mato. Sá Amélia, agitada, vai metendo no corpete as moedas que lhe devolvem, vai recolhendo os restos do seu passado de volta ao lugar aonde pertencem, junto do seu velho coração.

Depois, esquecido o incidente, recomeçou a cair uma chuva miudinha do céu de chumbo. Recompôs-se o movimento do aeroporto, com carregadores diligentes e passageiros apressados, no meio deles as duas senhoras e o rapaz com gestos titubeantes e desirmanados sacos indiciando

não ser seu hábito viajar. Tomando fôlego para encetar esta última etapa da viagem que começou na ilha do Ibo, na velha lancha sulcando o mar alterado para chegar ao continente (quantas vezes se benzeram!), no avião que deixou Porto Amélia sacudindo-se por entre as nuvens (quantas mais!), tudo isso para fugir à guerra que se instala e começa a transformar a velha terra de onde vêm. Chegados à cidade da Beira, falta-lhes ainda mais este passo para que a viagem chegue ao fim.

A longa estrada que, muito direita, parece procurar o mar. O Estoril, o hospital, a Praça da Índia, o Oceana e, finalmente, o Grande Hotel, eram nomes que a boca do motorista desfiava e aos três nada diziam: estavam ainda apegados aos nomes antigos, mais simples, menos intrincados; faltava-lhes ainda espaço para absorver as novidades. Talvez não o chegassem a ter de todo. Olhavam a cidade com desconfiança. Que diferença da serenidade da maré vazia do Ibo, com os seus ecos cristalinos; ou do coqueiral infinito do Mucojo, com a sua penumbra e os seus mistérios! Olhavam o emaranhado de ruas sem direcção e fugia-lhes a vontade de dar um passo, com medo de se perderem. Olhavam os prédios imensos erguendo-se levemente acima das árvores, arrogando-se uma perspectiva que só fica bem a Deus ter, e desaprovavam com um abanar da cabeça.

«Quanta gente circulando perdida sem ter quem a proteja», pensava Sá Caetana. Trazia ainda o hábito da sua terra, onde quase toda a gente tinha quem zelasse por si. Se uma criança partia um vidro ou roubava fruta era directamente ao patrão do pai dela que se dava notícia do caso, na certeza de que este ajustaria contas com o seu criado que, por sua vez, chegado a casa, castigaria o filho rebelde. Se alguém bebia e se tornava irreverente havia sempre acima dele um interlocutor para recolher a censura, um capataz, um vizinho que incutisse no visado o arrependimento assim que ele voltasse a estar sóbrio, ou mesmo antes disso. Nesta verticalidade solidária em que ninguém enfrentava sozinho o mundo se fundava todos os dias um futuro previsível, um presente mais sereno.

«Não como aqui», estranhava Sá Caetana, «onde as pessoas circulam sem que se saiba a quem pertencem.» Num anonimato repleto de ansiedade. A quem pedir contas? A quem solicitar protecção? Perdida nestes pensamentos, Sá Caetana sentia um arrepio de frio, fechava-se à novidade.

Ficaram instaladas no rés-do-chão esquerdo de um pequeno prédio da Ponta Gêa. Teria havido óbvias vantagens em morarem mais acima, não só para fugir aos ladrões mas também para melhor poderem desfrutar a brisa do mar. Impedia-o, contudo, a cadeira de rodas de Sá Amélia conflituando com as escadas, de modo que Sá Caetana achou que estava tudo bem. Ocuparam esse pequeno apartamento austero e impessoal, povoado pelo escasso mobiliário que se esperaria que tivesse, resumido a duas camas no quarto de dormir, uma mesa na cozinha, um sofá e duas ou três cadeiras na sala, assentes sobre um tapete de flores murchas e sem cor. E mais dois ou três pormenores inúteis que Sá Caetana foi inspeccionando com um ar conformado e triste. Perguntava-se se chegaria a ver envelhecer estas paredes como vira envelhecer as outras, conhecer esta nova geografia ao ponto de caminhar pelo corredor sem precisar de acender a luz ou sequer de abrir os olhos.

Estranhou as primeiras noites. Desciam de maneira diferente, contrariadas pelas inúmeras luzinhas que faziam nascer sombras móveis e furtivas, nunca aquela escuridão total que favorece o recolhimento; ou, quando chegava a lua cheia, impedindo o esplendor das noites brancas. As árvores, com as ramagens podadas rentes pelos serviços municipais, não murmuravam perturbadas pelo vento, deixando apenas escapar uma espécie de chilrear inexpressivo. A terra não tinha cheiro, parecia morta. As ondas do mar mantinham-se ao longe, a sua presença afastada pelo ronronar dos automóveis, pelo seu cheiro acre e incomodativo. Surgiam em fios lentos, esses automóveis ordeiros e tristes, povoados de vultos silenciosos. Sá Caetana não sabia de onde vinham, desconhecia para onde iam. Como se estivessem condenados a um perpétuo e circular movimento, e ela a ser disso testemunha. Só os grilos e as

rãs permaneciam os mesmos, trocando mensagens, interpelando-se, aproveitando a noite para pôr as suas contas em dia.

Por tudo isto decidiu Sá Caetana que os três viveriam ali como quem vive numa ilha. Preservando ferreamente o seu espaço, ignorando o mar desconhecido que os cercava. Atenta, até das baratas que passavam furtivamente pelos cantos da cozinha desconfiava. Pareciam-lhe diferentes das que conhecia, mais dissimuladas. Matava-as com redobrada fúria. A água era menos salgada que a velha e conhecida água do poço. A luz eléctrica demasiado branca. O pão também. E mesmo quando no íntimo não encontrava defeitos nas coisas e nas pessoas, remoía durante algum tempo na certeza de que acabaria por encontrá-los.

Não que estes defeitos lhe permitissem justificar tudo o que deixara para trás. Havia dias em que olhar para o passado a incomodava. Pensava então que tudo o que até aí lhe parecera eterno, seguro e sem mudança, era afinal efêmero e frágil. E revoltava-se contra esse passado falso no qual tanto confiara, que lhe surgia agora como uma miragem enganadora, uma prolongada ilusão. Eram esses os dias em que mais sofria, impossibilitada de encontrar no presente ou no passado o seu lugar. Para além da devoção a Deus, tão natural que quase nem merece referência, aplacava a angústia desses dias na tarefa de cuidar da irmã.

Desde que a fora buscar naquele dia, resgatando-a a um desaparecimento que de outro modo teria sido sem traço, que assumia lucidamente esse dever. Que, portanto, não era tanto um gesto piedoso de fazer o bem quanto uma forma limpa de encontrar uma finalidade para a sua vida terrena. A outra, para além da morte, surgia-lhe clara e previsível no regaço de Deus.

Ao lado, a surpresa de Sá Amélia há-de ser também enorme. Embora, ao contrário da surpresa da irmã, não esteja assente na atenção às coisas e na sua comparação. É antes uma surpresa igual à que seria se estivessem noutra lado qualquer, uma surpresa sem meandros, um grande e geral ponto de interrogação perante a vida.

O silêncio impera naquela casa durante a maior parte do dia. Silêncio feito da ausência de palavras, apenas perturbado pelo tiquetaque cadenciado do relógio de parede na sala, pelo ronronar do frigorífico na cozinha. E pelo assobio alegre de Vicente, que o sopra enquanto deambula por ali realizando os trabalhos domésticos. A princípio Sá Caetana ainda o mandava calar:

– Acaba com o assobio, rapaz! Onde se viu um criado assobiar dentro de casa da patroa?!

– Sim senhora! – calava-se ele.

– Esta casa é mais pequena mas é como se fosse ainda a Casa Grande do Ibo, entendes? Haja respeito!

– Sim senhora! – repetia ele.

Mas a maneira franca e desabrida como voltava a assobiar pouco depois, esquecido já, e sempre, das repetidas chamadas de atenção, o vigor alegre com que o fazia, revelava que não estava no propósito de Vicente faltar ao respeito. Era a sua natureza extravasando, apenas isso. Porque assobiar inculcava ritmo nas monótonas tarefas que lhe enchiam os dias: empurrar a cadeira de rodas de Sá Amélia para cá e para lá, embalando essa criança velha, fazer em braços o transbordo da volumosa senhora para o sofá ou para a cama, lavar a roupa, limpar o pó. A nada se negava o rapaz, como não se negaria a fazer o que lhe fosse ordenado pelo próprio pai.

«Vais com a Senhora Grande, entendes?», dissera-lhe ele à partida. «Vais com ela para a cidade para servi-la e cuidar-lhe da irmã doente. E vais com juízo. Vais para fazer tudo o que ela te mandar, sem excepção. Se pudesse ia eu próprio porque esse é o meu dever. Fico porque tenho a Casa Grande, o coqueiral do Mucojo, a pesca e os teus irmãos mais novos para cuidar. Quando ela te ordenar alguma coisa será a mim que ordena. E se desobedeceres, serei também eu próprio quem desobedece. Entendes?»

Vicente entendia. Entendeu, porque jamais lhe ocorreria faltar ao respeito à Senhora Grande. E se assobiava era porque não estabelecia essa estranha relação que há entre o silêncio e o ishima, o respeito.

– Sim, Senhora Grande! – dizia ele, fugindo à desobediência, ligeiramente intrigado com a irritação da patroa.

Sá Caetana acabou por desistir dos seus reparos. Acabou mesmo por se acomodar a esse fio melodioso que lhe trazia sinais da terra, lhe despertava pequenas lembranças atiradas para os recantos escuros da memória e de onde já só saíam ajudadas; irrelevantes a princípio, mas cada vez mais caras à medida que o tempo as afastava. Sá Caetana afeiçoava-se àquela criança grande só falsamente irreverente.

Até porque afora isso, afora o dito assobio, impera o silêncio naquela casa. Faltam palavras e sons no espaço que se foi cavando entre as duas mulheres. Sá Caetana, porque se recolheu dentro da tristeza e do rigor dos seus olhos fixos, da sua boca fina e cerrada; Sá Amélia, porque há tempo que deixou terra firme, navegando hoje num mar revolto onde não se descortinam territórios nem fronteiras, onde tudo é tão igual e amplo que nada fica para dizer.

A primeira, com os óculos pendurados na ponta do nariz, borda nos seus panos réplicas de sinais que o tempo já levou, sinais que transporta no interior das suas memórias. Hoje está sentada na penumbra da sala. Desapareceram os recantos angulosos na escuridão que o fim da tarde já não consegue iluminar, ficou o espaço mais arredondado. Um último raio de sol incide directamente sobre o pano cru onde ela vai bordando um par de gatos fofos, anafados. Gatos verdes, gatos que foi buscar ao sonho.

Na ilha do Ibo, onde cresceu, não havia gatos. Sempre que a sua mãe Ana Bessa os nomeava, povoando com um monte deles uma qualquer história fantástica, imaginava-os ela fofos e verdes (por um qualquer motivo nunca a mãe lhes dera cor, ou dera-a sem que Caetaninha, criança dispersa e impaciente, a retivesse). Viu gatos mais tarde, claro, gatos de quase todas as cores que os gatos têm: pretos, brancos, castanhos, pardos. Mas os gatos que agora borda são os gatos verdes da sua infância. Gatos imaginários. Gatos alegres que brincam na mornidão daquele último raio de sol procurando chegar com as patas felpu-

das às minúsculas e infinitas partículas que ele transporta. Quando o dia acabar, quando se começarem a acender pequenas luzes nas janelas, Sá Caetana depositará o pano na cesta da costura e os gatos ali passarão a noite, inacabados, à espera que nova sessão de bordado lhes aumente a definição.

Também Sá Amélia visita o passado. Só que com muito menos rigor que a outra, e também com um proveito diferente. Incurções violentas, erráticas, destituídas de critério. Que a deixam a ronronar de prazer ou a assustam e fazem gemer baixinho. No lugar dos gatos da irmã, com as suas cores de fantasia, são temporais que descabelam coqueiros, são vagas de trabalhadores macondes do coqueiral com dentes aguçados e faces escarificadas onde o diabo deixou estranhos sinais. Olhando Maméia, criança e feia, com os seus olhos amarelos.

– Caetana, tenho medo! – diz ela nessas alturas, num fio de voz, como se fosse há muito tempo e ela fosse pequena e chamasse pela mãe, Ana Bessa, na varanda da Casa Grande.

* * *

«Nastácia», suspirava então Ana Bessa de dentro da funda cadeira de palha, na penumbra da varanda onde passava as tardes olhando o mar e roendo castanhas de caju. «Nastácia», dizia para uma das criadas, «conta uma história à menina que é para ela não chorar.»

Nastácia contava então uma história vulgar, povoada de tartarugas e estrelas-do-mar, história cantada, de embalar, sem princípio, meio e fim, cheia de voltas trocadas em que as tartarugas eram já grandes antes de nascer e as estrelas-do-mar se fartavam de falar. Onde os barcos eram princezas e os rudes capitães homens bondosos.

*Era uma vez uma escuna que veio ver o Índico mar,
andou por aqui às voltas até que, cansada de tanto navegar
e cheia de calor, resolveu mergulhar.*

Debateram o problema os marinheiros com vagar, indecisos entre seguir com ela para aquele fundo lugar ou abandoná-la à sua sorte e ficar à flor da água, a boiar. Aprovou a maioria que todos a deviam abandonar, opôs-se o capitão, pois um capitão nunca deixa de lutar. De forma que um a um se foram os marinheiros afogar enquanto o capitão se deixava com a escuna afundar. Muitos anos ficou ali com ela, comendo estrelas-do-mar, bebendo a água que queria que ali não havia de faltar, conversando com os peixes que ali sabiam falar, com anémonas e tartarugas passando os dias a brincar, quando as marés estavam claras vendo as estrelas do ar. Até que um belo dia a escuna se pôs a mudar: afinal ela era uma princesa com uma beleza sem par, e ali mesmo, apaixonados, resolveram os dois casar, e viveram para todo o sempre felizes, no fundo daquele mar.

Maméia seguia cada detalhe sem questionar, entrando naquela aventura, navegando salpicada pelas palavras que eram ondas saídas da boca de Nastácia e rolando pela varanda fora, alagando o espaço inteiro. A menina secava os seus olhos de sapo, abria e fechava a sua boca de garoupa, e serenava.

Ana Bessa podia enfim continuar olhando o oceano (quicá esperando um alemão sem o saber, porque ele ainda não entrara na sua vida), como se nenhuma perturbação tivesse vindo perfurar o silêncio morno e arrastado da tarde cor da polpa do caju.

Vinha daí, dessa distância de Ana Bessa, sempre presa ao horizonte, o elo de orfandade que uniria mais tarde as duas irmãs, depois de um outro episódio, envolvendo os seus maridos, as ter separado quase irremediavelmente.

* * *

Njungo Araújo era ainda um miúdo de dezasseis anos quando deixou a transmontana casa dos pais, em Alijó, para trabalhar nas roças que o visconde de Vale Flor tinha

em São Tomé. Mas deu-se mal, cansou-se de ser empregado, de tomar conta dos escravos dos outros. Desceu então um pouco mais em busca de um bocado de terra para plantar, e chegou a Moçambique. A terra que pretendia veio a achá-la no Mucojo, à beira-mar, depois de algumas peripécias.

Foi ali que conheceu o major Ernestino, porque alguém lhe disse que o segredo não estava na terra mas nos homens para trabalhá-la, e que o major sabia melhor que ninguém como arranjá-los. Passaram a encontrar-se com frequência dado que o meio era pequeno e que o major, muito expansivo, estava sempre opinando e necessitando de nova gente que substituísse aquela que se cansava de o ouvir. Araújo, com o seu feitio discreto e encolhido, herdado talvez do outro mundo rural de onde viera, ouvia mais do que falava, e por isso Ernestino gostou dele.

Um dia em que o major foi de visita a casa de Ana Bessa levou Araújo consigo. «Tem que conhecer novas pessoas, homem», dizia, «pois é aí que está a chave do sucesso nesta merda de terra. Falar com este porque conhece aquele, e por aí fora até conseguirmos o que queremos!» Era o tempo em que o amargo Ernestino negociava a mão de Amélia embora ainda com os olhos postos na sua futura sogra.

À mesa do chá, na varanda, discutiam-se os detalhes do negócio. Sobravam, à margem dessa conversa, Araújo que era visita calada e Caetana a quem a questão não dizia respeito. Trocaram-se olhares os dois, até para conseguirem justificar a inutilidade das respectivas presenças. E tanto se olharam que se iniciou logo ali um compromisso morno que atravessou incólume dois pares de meses e desembocou em casamento. Tinha Caetana apenas dezasseis anos.

Deram-se bem pelas mais variadas razões, principalmente porque a nenhum deles fazia falta uma grande paixão. Araújo queria assentar e buscava na rapariga quem lhe tomasse conta da casa; estava mesmo disposto a conceder-lhe inteira jurisdição sobre esse espaço. Ele tomaria conta do coqueiral, então ainda em projecto.

Caetana, por seu turno, buscava nele a segurança. Ia-lhe fugindo o mundo aos poucos e não queria correr o risco de ficar só. Primeiro foi o pai alemão diante das balas inglesas; depois, sinais inquietantes de que se seguiria a mãe, Ana Bessa, cujo olhar se perdia cada vez mais, e inexoravelmente, no líquido horizonte; por fim, a irmã, já com data de saída anunciada. O que aconteceria no final de todos estes trânsitos, quando não sobrasse ninguém para tomar conta dela? Deixou-se ir portanto nos braços daquele que inventou para a mulher a designação de Senhora Grande, passando a exigir que criados de dentro e trabalhadores do coqueiral assim se referissem à jovem Caetana.

Casados, Caetana permaneceu onde estava e foi Araújo quem veio habitar em casa de Ana Bessa, a sua sogra. Porque apesar de pretender dar um passo em frente para aprofundar a sua segurança, Caetana não estava na disposição de largar a que já tinha. Relutava em separar-se da mãe, alegando que o fazia apenas porque os sinais inquietantes que se infiltravam no carácter de Ana Bessa acabariam por adensar-se com a solidão que a jovem procurava, deste modo, contrariar. Araújo anuiu porque, ao contrário de Ernestino, não tinha ainda recursos que lhe permitissem construir casa de raiz nem iniciar sequer o almejado coqueiral do Mucojo. Finalmente, qualquer que fosse a solução, era para Ana Bessa indiferente desde que lhe deixassem a varanda em frente ao mar. E, agradecida, deixou-os não só tomar conta da casa como lhes ofereceu a Casa Pequena e o minúsculo coqueiral que tinha no Mucojo, que o seu desinteresse deixara estagnar e onde já quase nada crescia a não ser o capim. «Peguem naquilo e vejam se de lá conseguem tirar o pão para os meus netos», disse. Para Araújo não podiam as coisas estar correndo melhor.

A amizade entre Ernestino e Araújo quase que deu outros frutos para além deste, colateral, de se terem feito família. O major não só estava disposto a contribuir com homens para o coqueiral do Mucojo mas também a entrar com capital, que o tinha que bastasse e sobrasse, numa futura sociedade. «Que me diz, hem? Ferreira & Araújo,

Sociedade de Empreendimentos Agrícolas e Comerciais?», insinuava ele em voz mansa, para ver se a sugestão caía tão bem no outro como já caía em si próprio.

Mas a Araújo não soava bem. O seu projecto de negócio era mais modesto, resumido a um patrão e a criados poucos mas fiéis. E, sobretudo, não notava em Ferreira um interesse genuíno em plantar coqueiros, disperso e activo que sempre estava em muitas outras possibilidades e iniciativas. Parecia-lhe que o major se desinteressava de ver outras coisas crescer para além do seu próprio dinheiro.

Data desta altura a segunda saída de Ernestino Ferreira, tão despeitada quanto a primeira, de regresso ao Zóbuè, ao seu negócio de sempre e, nas horas vagas, à mesma Alina Chimarizene. Data também desta altura o afastamento entre as duas irmãs, que aquela partida acentuou.

Caetana dava razão ao marido e à sua posição de avançar sozinho com o coqueiral. «Não cedas!», dizia ela ante as dúvidas de Araújo, com uma decisão que tinha raízes no voluntarismo que trazia da infância e no ressentimento que lhe ficou de uma certa perda de estatuto, quando Wolf, seu pai, desapareceu. «Quem é que o Ernestino pensa que é, lá por ser rico?»

Por outro lado, e lamentavelmente, Amélia acomodava-se ao marido, falha de energias para combater o despeito dele. Não tanto por lealdade, portanto, mas devido ao distanciamento que herdara de sua mãe Ana Bessa. Estava sempre longe dos problemas, desarmava a irmã com uma espécie de candura, uma grande ignorância em relação aos pormenores do conflito. E isso deixou um certo azedume em Caetana, que por sua vez entristecia Araújo.

À noite, antes de dormir, ele virava-se para a mulher e dizia: «A tua irmã não tem culpa do feitio do Ernestino, deixa-a lá...» E estas contemporizações do marido irritavam Caetana ainda mais, talvez por se culpar a si própria de não poder culpar a irmã.

* * *

O silêncio. Por vezes o silêncio é uma parede intransponível. Mas no caso das duas irmãs era antes um canal de águas fundas e quentes que as ligava. Quando bordava os seus panos, Sá Caetana seguia as linhas com um olho, controlando com o outro os gestos da irmã, atenta aos seus sobrevoos, preocupada. Em contrapartida, Sá Amélia também ela de vez em quando descia das alturas por onde costumava pairar para visitar a irmã com ternas amabilidades. Fugazes, mas ainda assim suficientes para que a outra as notasse e recolhesse.

Por vezes era um silêncio diferente. Quando Sá Amélia se confrontava com os desconfortos da sua existência. Não só com o incessante assobio que lhe castigava os ouvidos, mesmo depois de os médicos lhes terem mexido dentro e de ele ter permanecido tão igual ao que era antes que para ela passou a ser aquele o som do silêncio, esquecida já do silêncio original. Também porque não lhe obedecia o corpo, não lhe respondiam os objectos que ela chamava para não ter que voltar a pedi-los à irmã, e eles sem sair do mesmo lugar. Rebelavam-se eles, rebelava-se o corpo, rebelava-se o destino.

Era então que ela se punha a entoar uma melopeia surda, metálica e aguçada como uma faca, ritmada por um ranger de dentes, embalada por um gesto do corpo curto e repetido, para a frente e para trás. Queria reflectir nos outros o que sentia em si. Fingia não ver a irmã, desmaterializava-a com uma espécie de desprezo. Recusava a sopa ou o chá só para preocupar a outra, cerrando com firmeza a sua boca de garoupa. Traíçoira que ficava nessas alturas, fingia aceitar como se tudo estivesse dentro da normalidade repetida, e só quando a colher lhe ia chegar à boca, zás!, um safanão e lá ia o prato inteiro pelo colo de Sá Caetana e pelo chão.

– Vicente! – chamava então esta, conformada. – Vem cá e traz o pano do chão que hoje temos festa!

Vicente vinha. Resmungando alto se estava maldisposto, que Sá Caetana assim lhe permitia desde que tivesse motivo para tal. Se pelo contrário estava em dia bom, lim-

pava o chão e recolhia os cacos brincando e cantando canções antigas lá da terra, canções divertidas que faziam rir Sá Amélia e por vezes a serenavam, pondo fim ao episódio.

Hoje voltou a acontecer. O safanão, o prato feito em cacos misturados com a sopa derramada pelo chão, a gargalhada escarninha de Sá Amélia ante o invariável susto da irmã. Esta crispada. Vicente chamado em voz alta e chegando com o balde e o pano do chão. Cantando e ensaiando trocadilhos para amansar a fera que ruge dentro da velha senhora: «Senhora, olha o avião lá no alto, Ndegue! Ndegueiôô! Ndegueru-caiôô!»

Mas parece ser um daqueles dias em que nada a faz parar. Balança para trás e para a frente de olhar vazio, cerra os velhos e espaçados dentes: hoje não está disposta a cooperar. Estão baças as suas minúsculas pupilas. Emite um som baixo que ora é uma toada infantil, ora um som de tempestade vindo ao longe, um feroz vento sul aproximando-se.

Vicente volta à carga com redobrado empenho, a fraqueza e o cansaço que sente em Sá Caetana conferindo-lhe dupla responsabilidade. Lança uma adivinha para que a velha senhora lhe responda. O gemido continua. Procura fazer cócegas naquele pescoço farto sabendo que isso, mais que tudo, a faz rir. Mas hoje as mãos de Sá Amélia são garras que se agitam com um chocalho das inúmeras pulseiras e o obrigam a manter-se à distância. Nada a serena.

Estalam, surdas, as imprecações de Sá Caetana procurando exercer autoridade; mais abertas as da irmã, insurgindo-se. Enfim, Vicente vira-se para uma e para a outra, tentando contemporizar. Arrastam-se as cadeiras, range a cama, cai um candeeiro. Em cima, as pancadas dos vizinhos incomodados são um contraponto que corta cerce o resto de privacidade que ainda ali havia.

Exasperada e de olhar seco, esgotada de argumentos, Sá Caetana levanta-se e caminha pelo quarto, como se refletisse. Depois, abre a boca e deixa escapar, sem saber bem porquê, uma ameaça que é ao mesmo tempo um derradeiro recurso:

– Amanhã vem visitar-nos o Dr. Valdez e eu vou queixar-me de ti, minha irmã! Vou dizer-lhe como te comportas! – disse.

Vicente surpreende-se com o recurso quase tanto como com o efeito que ele provocou na velha senhora doente. Sá Amélia serenou com a novidade, quis saber se era verdade, tomou até um pouco de chá sem protestar. Em seguida deixou-se docilmente adormecer, embalada pela perspectiva da visita anunciada, que era também uma visita do passado.

O passado apresenta sempre essa vantagem sobre o presente. Por mais exíguo e infeliz, podemos sempre aclará-lo com a aura que quisermos, podemos sempre expandi-lo e moldá-lo segundo o nosso desejo. E esse desejo é tanto mais intenso quanto pior for o presente em que vivemos. Resumido à sala e ao quarto, aos braços transportadores de Vicente, aos terrores frios que a visitavam de noite quando dormia, ou em pleno dia e escurecendo-o, quando delirava, Sá Amélia afastava-se deste presente, acolhia nos seus braços gordos, cheios de pulseiras chocalhantes, esse passado que a irmã anunciava. Polia-lhe agora as arestas quando inquiria detalhes: queria saber se o doutor vinha só, se ainda se lembrava dela, se vinha por causa dela. Branqueava-o para nele encontrar uma alternativa à sua dor actual.

E foi a meio destas interrogações que Sá Amélia resvalou finalmente para o sono, aquietando-se. Permitindo que Sá Caetana e Vicente também pudessem serenar e ficar a olhar um para o outro durante algum tempo, mastigando os restos da surpresa que o anúncio provocara.

* * *

O Dr. Valdez chegou à ilha do Ibo em 1940 e finou-se num dia vulgar de Dezembro de 1959, à mesa do pequeno-almoço onde habitualmente se enchia de comida antes de sair para as consultas, no hospital. Em particular, foi o pacote diário de meio quilo de manteiga que o deitou a

perder. Várias vezes a preocupação o assaltara enquanto barrava uma montanha de torradas e via a deliciosa substância amarela dissolver-se e nelas penetrar, deixando-lhes a superfície brilhante. «Veneno bom», pensava ele, «um dia terei que desistir de ti.» Mas o tempo avançava e esse dia ia-lhe fugindo na frente.

Naquele fim de mundo a que se afeiçoavam, iam os estrangeiros perdendo aos poucos a noção da disciplina, desenvolvendo eflúvios libidinosos em relação à comida, ao sexo, à natureza. Comiam desalmadamente aqueles alimentos condimentados, quase sempre um pouco fermentados pelo calor, que despertavam neles impulsos contrários à moral e, muitas vezes, à natureza. Deixavam-se ir atrás destes de olhos brilhantes e lábios perlados de suor, tomados de uma espécie de frenesim nos prazeres, de impaciência no trabalho. Tal como se serviam das mulheres da terra no resguardo da noite, impunes e quase cândidos, também rasgavam sulcos nos campos quando o sol estava no pino, ou mandavam que tal fosse feito em seu nome. A água abundava, as sementes explodiam, germinando a uma velocidade estonteante na terra cheirosa e escura. Multiplicavam-se filhos pardos e meio clandestinos como crescia o pardo coqueiral, como o pardo campo de sisal lançava as suas intermináveis filas pontilhando o espaço, afastando o mato original para as margens da visão. E eles, os senhores, enriqueciam, perdiam o anonimato numa altura em que dele mais precisavam para poder dar largas aos seus alentos obscuros.

À chegada àquela terra permaneciam indecisos durante algum tempo. Por um lado, a rigidez de uma coreografia de abastada nobreza que até aí servira de paradigma por lhes ter estado inacessível no lugar de onde vinham. Por outro, o desconforto de sentirem quanto ela lhes tolheria agora os movimentos, numa altura em que podiam finalmente fingir ser desse mundo nobre. Debatiam-se, construindo argumentos só para si como uma frágil muralha onde todos os dias se iam abrindo pequenas brechas. A moral, outrora tão imensa que parecera universal, era agora exígua neste

novo e amplo espaço, quase infinito. A justiça deixava de ser cega, ganhava argutos olhos e movediças fundações. Até a estética se deixava enredar nos labirínticos caminhos da novidade, desprezando conquistas pacientemente realizadas e reconhecidas para se maravilhar pelo estranho, pelo diferente.

Por fim, enquanto uns acabavam simplesmente por desistir de todas as justificações, a outros sobrava-lhes apenas, do rigor antigo, o severo critério com que julgavam os seus pares e dentro do qual já não se conseguiam rever. Viviam, por isso, duas vidas, como se duas naturezas coabitassem num corpo só: uma ainda embaraçada, a outra já voraz, insaciável. A vida antiga e almejada feita de protocolos, visitas e convenções, e esta nova, maldita e incontornável, feita de ferozes apetites e vermelhas urgências, fruto de uma degenerescência sem retorno.

Valdez e os poucos amigos de posição faziam parte deste pequeno mundo. Juntavam-se em grupinhos nas varandas ou à sombra espessa das mangueiras, bebendo álcool, comentando o preço do sisal, olhando para quem passava. Riam muito se era um velho negro trapalhão, dando-lhe sobras dos copos e das garrafas só para o ver atrapalhar-se ainda mais. Chamavam, para conferir, se era um jovem forte em idade de trabalhar (porventura andaria fugido ao patrão a quem era preciso avisar). Cochichavam, lúbricos, se era uma rapariga bonita meneando as ancas naquilo que era ali um universal jeito de andar, noutros locais uma promissora malícia. Cercavam-na, pedindo emprestada a capulana que lhe enrolava o corpo porque tinham frio, diziam, fazendo perguntas de duplo e rasteiro sentido a que ela respondia de olhos postos no chão, mais como um sinal de respeito que lhe haviam ensinado a mostrar aos brancos do que por uma vergonha que nunca lhe haviam explicado em que consistia, e que portanto ela tardava em conhecer.

Baixavam a voz para que não saíssem dali segredos que eram só deles, ou para esmieuçar um pormenor da vida de um companheiro ausente. E se alguém deixava a roda,

cedo o tornavam motivo das suas chacotas. Por isso resistiam em grupo até tarde, ninguém ousando virar as costas e assim se expor.

Tal como o padre Jacinto, supremo guardião da moral, pregava regras e normas por brio profissional mas não se coíbia das regulares escapadelas nocturnas em busca de meninas da terra, também o Dr. Valdez perorava sobre os malefícios do colesterol não dispensando por isso o gordo e amarelo pacote de manteiga com o qual começava o dia e que o fez partir sem certidão de óbito, uma vez que era o único médico da vila e de toda a região, não tendo ficado ninguém depois dele para a passar.

– Por hoje está resolvido – concluiu Sá Caetana tapando a irmã com o lençol, dando um jeito ao quarto desarrumado para apagar os traços da crise que de alguma maneira a envergonhavam.

– E amanhã? Amanhã a patroinha vai querer saber quando chega esse doutor – disse Vicente, intranquilizando a patroa. – Ela lembra-se sempre daquilo que lhe faz falta.

Vicente conhece bem Sá Amélia, a quem chama patroinha talvez pelos modos infantis da senhora. Conhece-a melhor que ninguém, de passar as tardes contando-lhe histórias tal como Nastácia lhas contava quando ela era pequena. E quem atravessa a vida ouvindo histórias está sempre disposto a acreditar. Sabe, além disso, que Sá Amélia se arranja todos os dias com cuidado, não vá uma visita inesperada apanhá-la descomposta. Custa-lhe vê-la ao fim da tarde, quando ela invariavelmente conclui que já não virá ninguém e se deixa apagar numa grande decepção. Sabe que por detrás da loucura da doença e da idade ela é capaz de usar da lembrança para cobrar o que lhe devem com a mesma facilidade com que recorre ao esquecimento para se isentar de responsabilidades.

– Tens razão, rapaz – disse Sá Caetana, apreensiva. – E que faremos?

Vicente encarou a patroa com um ar sorrateiro, embora também algo inseguro. Já pensou na solução, só não sabe é como ela será recebida.

– Amanhã serei eu o Dr. Valdez! – disse, após curta pausa, esforçando um ar inocente. Como se a proposta lhe tivesse saído espontânea.

Sá Caetana surpreendeu-se. Depois relutou. Como pode um jovem fazer de adulto? Como pode um criado fazer de doutor? Como pode, até, um preto fazer de branco?

– Não iria funcionar, rapaz – acabou por dizer. – E até pode ser que ela se enfureça com a brincadeira.

Vicente ouviu, calado. Pensara já nesse risco enquanto architectava o plano. Pesara-o contra o outro, que lhe parecia ainda maior.

– A patroinha ficará zangada é se o doutor não chegar. O resto nós não sabemos.

– Tens razão, rapaz – foi forçada Sá Caetana a concluir.

Na indisponibilidade do verdadeiro Dr. Valdez não parecia haver outro recurso a não ser esta farsa proposta por ela em momento de irreflexão, e que Vicente parecia querer concretizar.

Sá Caetana acabou assim por aceitar. E Vicente saiu assobiando para o átrio das traseiras.

* * *

Tal como o seu pai, e antes deste o avô, também Cosme Paulino foi um criado competente. Mas esta predisposição natural ainda não chegava: foi preciso que cada um deles tivesse aprendido a sua arte, encaixando-a na arte dos respectivos patrões.

O avô, do qual se perdeu o nome, além de criado do pai de Ana Bessa foi também seu marinheiro. Teve que sê-lo porque o patrão tinha um barco e navegava com ele de noite, o que obrigava ambos a redobradas atenções e competência nas artes de mareagem. Com base num acampamento montado na Ponta Pabula, mesmo em cima da praia, dedicava-se o patrão ao lucrativo negócio dos trans-

portes nocturnos com a ajuda do criado. De dia era aquele dhow um barquinho inocente de vela descaída, o casco tombado de lado, tomando sol na areia dourada da praia. De noite enfunava-se a vela, que era negra para melhor se perder na escuridão. Transportavam então os dois o que viesse, e para onde desse, que o pai de Ana Bessa não escolhia clientes por já ter escolhido antes aquilo que era do seu interesse. Fazia do lucro a sua moral. Levou armas para o Sul no tempo em que o Farelahi combatia os portugueses e andava delas muito precisado. O dhow era então como uma faca cujo gume cortava o mar de azeite, tão juntinho à costa que o seu comprido mastro roçava as copas dos coqueiros debruçados sobre a água. E o único som que fazia era um gargarejar do panejamento batendo solto porque ao vento ninguém consegue calar. Calados iam, nessas alturas, o avô de Cosme Paulino ao leme mais o patrão à proa, muito atentos, prontos para o que viesse a acontecer. E as aldeias de pescadores, junto à praia, aterrorizavam-se com a passagem daquele vulto que mais parecia um espírito maligno, o casco untado com um imbeo, o remédio da invisibilidade. Passando-lhes tão perto, à frente dos olhos, mas tão veloz que custava a acreditar que tivesse mesmo passado. Eram os dois homens na labuta, fazendo a entrega enquanto os portugueses dormiam.

Outras vezes andavam mais a norte, serpenteando por entre as ilhas Querimbas à procura de encomendas. À ida levavam dúzias de prisioneiros, antigo povo ruidoso e colorido agora atónito e cabisbaixo, mergulhado no silêncio. Juntos como gado no fundo da barriga do dhow, deixando-se digerir aos poucos por esse sinistro animal. No regresso traziam fardos de panos de todas as cores, todos eles bastante apreciados afora o senão do fedor, que obrigava a que fossem lavados várias vezes antes de poderem ser usados. Fediam ao suor apavorado dos cativos, que se acumulara já no bojo do barco com a repetição destas idas e vindas. Como um indelével ferrete, assinalava esse fedor, que a todos se apegava, a culpa de serem contemporâneos de tão tamanha tragédia.

Antes de desaparecer num desses negócios nocturnos que portanto não chegou a concluir-se, teve ainda tempo o traficante de achar uma daquelas mulheres que desde sempre passam o dia na praia atrás de amêijoas, e de na barriga dela depositar a semente da futura Ana Bessa. Sempre fiel ao patrão, fazendo como ele fazia, e antes de desaparecer com ele no meio das águas do Índico, deixou também o avô de Paulino, e bisavô de Vicente, um filho seu para que a relação entre os dois, patrão e criado, pudesse ter continuidade para além daquele definitivo percalço.

Nasceu a menina junto de cestas de amêijoas, cheirando ao cheiro do mar, e só não teve o destino que normalmente têm os filhos destas mulheres porque o pai lhe deixou casa e terras, tudo isso amealhado com os proventos dos seus obscuros negócios ao longo do tempo em que eles duraram.

Ana Bessa cresceu com o menino filho do marinheiro, pouco sabendo de seu pai. Os portugueses iam já tomando conta da terra e o velho traficante era um espinho descravado do qual não era bom nem lembrar. Herdou ela, porém, a altivez do pai, tão contrária à natureza da mãe que passara a vida inclinada para o chão, catando amêijoas. Enquanto isso o menino herdava também a maneira de servir de seu pai.

Casaram-se os dois quase na mesma altura. Ana Bessa com um despachante encartado indiano, o menino com uma mulher do povo. Os dois tiveram filhos. Ana Bessa um Francisco que morreu quase no berço, de uma injeção estragada, e logo a seguir uma Amélia – Maméia enquanto criança –, a tal que casaria mais tarde com o major Ernesto Ferreira. O criado, por seu turno, teve um rapazinho que Ana Bessa quis que fosse seu mbwana e achou ter cara de Cosme, e por isso Cosme ficou.

Enquanto o criado servia Ana Bessa, o seu filho Cosme Paulino servia já uma Amélia ainda Maméia, sempre atento, na sua preocupação infantil, a que a menina não se afastasse de casa, não caísse, não chorasse. Não era trabalho que requeresse grande competência mas de qualquer

forma era um bom começo, até pela responsabilidade que envolvia.

O tempo foi passando. Ana Bessa enviuvou cedo e ficou duas vezes mais rica, juntando aquilo que já tinha ao que o pai de Maméia lhe deixou. Ficando só, preparava-se para receber Wolf, o alemão viajante que chegaria pouco depois aos seus braços e ao seu coração. Consumada mais esta passagem, dela resultou Caetana, a sua segunda filha, numa altura em que todos acabavam de entrar no século novo. Cosme Paulino tomou-lhe conta desta como tomara de Maméia, desenvolvendo uma segunda consciência sempre tão atenta e preocupada quanto a primeira.

As duas meninas foram crescendo e deixou de ficar bem terem um criado rapaz, quase homem, de forma que Cosme Paulino, que já dera provas da sua dedicação lá fora, passou a criado de dentro. E foi no trabalho da casa que aguçou o novo instinto, tomando conta da sala. Era esta, nessa altura, um mundo de penumbras suaves onde a luz chegava em grãos já finos, retalhada pelas redes mosquiteiras. Para trás, filtrados pelo anel quadrado da varanda, ficavam os sons exteriores, canções de trabalho no pátio, ordens secas dos patrões, o ladrar dos cães, o monótono compasso do pilão moendo incansável os cereais. Lá dentro chegava apenas o som da chuva quando esta caía em cordões grossos, verticais, mas era ele tão igual e homogêneo que acabava por não passar de um silêncio. O chão era vermelho e brilhante como um espelho. Sobre ele assentavam, meticulosamente alinhadas, ráfias e vergas entretecidas, vetustas madeiras de pau-preto escavadas e torneadas por escultores anónimos desaparecidos no tempo. Cosme Paulino pisava esse chão com os seus pés descalços sem produzir qualquer som. Mais ruído vinha da sua sombra lambendo as paredes de reboco grosso, agitando o ar, que dos pés largos que pisavam. Para ele era aquela sala um vasto santuário, aquelas disposições enigmáticos caprichos de patroa cujo segredo ele não detinha mas conhecia até ao mais ínfimo detalhe. Envelhcia Cosme Paulino dentro daquela sala à medida

que também ela ia envelhecendo. Em silêncio e trabalhando.

Quando Caetana se casou Ana Bessa ofereceu-lhe o velho criado de presente, para além do coqueiral que tinha no Mucojo. Com a fuga do alemão desinteressara-se ela da sala uma vez que passava os dias na varanda olhando o mar, e os cuidados da limpeza deixavam de ser tão relevantes. Cosme Paulino partiu então sem mudar de casa, passando a obedecer às ordens de njungo Araújo, marido de Sá Caetana, da mesma maneira que obedecera à sogra dele. Voltando ao trabalho de fora.

Acabou até por ser, para o criado, um segundo recomeço. Araújo, que já notara o esmero com que ele cuidava da casa da sogra, nomeou-o encarregado do pátio, controlador das entradas e saídas dos mantimentos, supervisor das criadas, seleccionador da mão-de-obra, marinheiro-chefe do barco que fazia as idas e vindas entre o Mucojo e o Ibo, neste particular herdando ele a inclinação que já mostrara o seu avô quando servia o traficante.

Cosme Paulino correspondeu à confiança cumprindo com tudo o que lhe era ordenado, dando até sugestões pertinentes sobre pequenas coisas que escapavam à atenção do patrão. Na segurança deste contexto foi tendo um filho atrás do outro. Vicente encabeçava a prole.

* * *

Ao anoitecer, quando larga o serviço, desmembra-se o jovem criado das suas duas patroas para passar a ser um instrumento de si próprio. Mas falta-lhe ainda aprender a viver nesta nova situação. No campo, lá no Mucojo, cresceu em redor da casa da Senhora Grande, no terreiro, brincando com outros meninos enquanto não teve idade para que reparassem nele. Fazia parte dessa mancha escura, alegre e ruidosa que cirandava pelo desarrumado pátio juntamente com cabritos e galinhas. Depois, aos poucos foi perdendo em gargalhadas o que ganhou em compenetração, os saltos que dava esmorecendo, assumindo o corpo a pos-

tura mais curvada do respeito. Observava como o pai servia pois chegaria um dia a sua vez. Cosme Paulino notava esse percurso atravessando o tempo e sorria intimamente, satisfeito e orgulhoso do seu fruto.

Mais tarde fez Vicente pequenos recados e finalmente, um dia, ascendeu a criado de pleno direito. Um criado sempre disponível, sempre ao serviço, e portanto sempre acompanhado, quase nunca só.

Com a viagem para a Beira tudo mudou. Esse grande mundo protector desabou e vai-se instalando no seu lugar um outro, mais pequeno, feito de fragmentos mal ligados, de pequenos sentidos separados entre si por um grande vazio. Ao anoitecer, quando começam a acender-se as luzes amarelas e tristes do prédio e da cidade, Sá Amélia de banho tomado, as duas senhoras jantadas, Vicente despede-se até à manhã seguinte. Sai meio perdido para o pátio cimentado das traseiras, sem saber bem o que fazer para preencher aquelas horas. Salva-o o rádio, quando há pilhas como hoje. O rádio por onde chegam num zumbido infernal que atravessa a África inteira, subindo e descendo montanhas, perfurando florestas e atravessando rios, as notícias do além. O Barreirense sustendo o ímpeto contrário até poder, durante toda a primeira parte. Mas na segunda entra Torres, reforçando imensamente a ofensiva benfiquista que surge fulgurante à entrada da área criando muito perigo, sobretudo com algumas jogadas verdadeiramente desconcertantes de Simões, e com Matine evidenciando-se mais uma vez com os seus passes inteligentíssimos a alimentar os companheiros da frente. E eis que aos sessenta e quatro minutos, por entre os silvos agudos das ondas curtas, por entre os silvos agudos de uma longa e longínqua multidão que Vicente desconhece, e por entre o seu próprio e solitário silvo agudo, surge o primeiro golo, de Artur Jorge, como corolário do poderio atacante do Benfica. Serra batido e impotente, Bento no chão, desalentado, vendo a bola anichar-se lentamente no fundo das redes. O segundo golo vem pouco depois, quase naturalmente, num remate potentíssimo de Jaime Graça, e após

um preocupante silêncio que ficou por esclarecer se ficou devido à interposição de uma nuvem distante, se a um momentâneo fraquejo das pilhas. E o terceiro acontece já ao cair do pano, quando Eusébio, surpreendendo tudo e todos, encheu o pé para proporcionar uma obra de arte numa altura em que parecia que os encarnados se contentavam já com o resultado. Dois negros moçambicanos a desequilibrar a contenda, a crise do Benfica parecendo já debelada.

Vicente fecha o rádio, satisfeito mas algo inseguro, pensando noutra crise ainda por debelar.